

CAPÍTULO 2

Contos Tradicionais: Língua, Cultura e Imaginário¹⁸

Ângela Balça

CIEC, Universidade de Évora

Introdução

Neste breve estudo procuramos refletir sobre o imaginário, enquanto parte integrante de uma determinada civilização e cultura. Várias são as manifestações humanas onde podemos encontrar o imaginário, mas neste texto privilegiamos a literatura tradicional, nomeadamente os contos tradicionais, recolhidos ao longo dos séculos XIX e XX, fixados em inúmeras coletâneas e, muitos deles, reescritos para as crianças. A nossa atenção recai em particular no conto tradicional *Frei João sem Cuidados* e nas suas recolhas efetuadas em Portugal e no Brasil.

Portugal e Brasil mantêm desde 1500, ano em que Pedro Álvares Cabral aporta a Terras de Vera Cruz, uma relação cultural intrínseca, profunda e maior que as demandas e vicissitudes económicas ou políticas que possam ter marcado os dois países ao longo dos séculos. Esta relação cultural, fruto da pertença a uma mesma civilização, começa pela partilha da mesma língua – o português – que no dizer de Eduardo Lourenço (2007: 45) “se *expandiu*, numa espécie de eco à histórica expansão em diversos continentes”. Com a língua foi a cultura e o imaginário que lhe é inerente e, mais uma vez nas palavras de Eduardo Lourenço (2007: 46), “Idealmente é esta esfera verdadeiramente aquela onde por tão naturalmente nos comunicarmos nos faz existir em comum e, no melhor dos casos, até em comunidade”.

O espaço da lusofonia, fruto da Expansão Portuguesa, encontra-se espalhado pelas mais diversas regiões do mundo, hoje com maior vigor

¹⁸ Balça, A. (2015). Contos Tradicionais: Língua, Cultura e Imaginário. In F. Azevedo (Coord.), *Literatura Infantil e Imaginário* (pp. 27-38). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação. ISBN: 978-972-8952-35-8.

numas do que noutras. Padre António Vieira ou Fernando Pessoa deram voz nos seus escritos a este imaginário lusófono, um espaço onde se partilha a mesma língua, onde se fala a mesma língua, muito embora com vários sotaques e com influências de outras línguas autóctones.

Todavia, o linguista brasileiro Sílvio Elia fala-nos da “Lusitânia Perdida” – antigos territórios portugueses na ásia, como Goa, Damão, Diu ou Macau e vários entrepostos na ásia e na África (Cristovão, 2003). Muito embora nesta “Lusitânia Perdida”, a presença da língua portuguesa seja praticamente inexistente, fruto de diversas vicissitudes históricas e de política de língua, permanece a cultura e o imaginário subjacente a cinco séculos de convivência e de permanência efetiva nesses territórios, uma vez que, como afirma Cristovão (2003) “a Lusofonia não é só a soma de territórios e populações ligados pela língua. É também um certo património de ideias, sentimentos, monumentos e documentação”.

Este espaço civilizacional comum integra o imaginário de vários povos que comungam de uma dimensão simbólico-significativa profunda. Esta mesma matriz civilizacional partilha, ao longo da existência das comunidades, os mesmos arquétipos, as mesmas cosmogonias, as mesmas dimensões éticas e axiológicas. E este substrato profundo, todavia muitas vezes subliminar, permanece vivo em inúmeras manifestações, muitas das quais o povo comum sente como vindas de tempos imemoriais, pertencentes ao passado que continuamente se vivifica e se atualiza em diversos ritos; outras tomaram novas roupagens e só um olhar atento e informado as identifica como uma evolução das mesmas.

Este imaginário que sentimos como comum está bem patente na literatura tradicional. Antropólogos, etnólogos, folcloristas recolheram e fixaram inúmeras composições que se transmitiam (e transmitem ainda hoje) através da cultura oral. De acordo com George Steiner (2007: 15) a “Cultura oral é aquela que constantemente reatualiza as memórias” e é aquela que “Chegou até nós, alheia a toda e qualquer forma de alfabetização.” Steiner (2007: 8).

Uma das demonstrações desta vitalidade da cultura oral são justamente os contos tradicionais, que estão presentes em diversos pontos do globo, distantes geograficamente, mas que apresentam uma similitude enorme. É Italo Calvino (2010a:8) que nos recorda que “por vias

imperscrutáveis, o folclore continua o seu périplo de um continente a outro”.

Na verdade, num estudo efetuado na região da Amazónia, sobre narrativas tradicionais, Sales (2014:21) afirma em relação à literatura tradicional brasileira:

“A literatura tradicional brasileira se compõe de três etnias – branca, negra e indígena – para formar a memória que se estende desde as sociedades pré-colombianas até o uso do povo atual. Aborígenes, portugueses e africanos possuíam cada um seu folclore, mitos e lendas que se adaptaram umas às outras e se aclimataram neste solo, utilizando elementos locais.”

É também através da literatura tradicional, e muito particularmente das reescritas destes textos para crianças, que os mais novos se acercam de parte do imaginário subjacente ao seu mundo. Esse imaginário permite-lhes sentirem-se pertença de um determinado universo, daquele e não de outro, partilhando ideias, valores, sentimentos, formas de ser, formas de estar, formas de ler o mundo.

Assim, é neste contexto que surgem as versões, em português europeu e em português do Brasil, do conto que vamos estudar, bem como as reescritas para crianças do mesmo.

Contos tradicionais: Portugal e Brasil em diálogo

Dado que o imaginário se revela também através da literatura tradicional, procuramos olhar para um conto tradicional, *Frei João sem Cuidados*, em duas versões, uma portuguesa e uma brasileira. A versão portuguesa foi recolhida, no século XIX, por Teófilo Braga, e fixada na sua obra *Contos Tradicionais do Povo Português* (1883); já a versão brasileira, recolhida por Luís da Câmara Cascudo, integra a coletânea *Contos Tradicionais do Brasil* (1946).

Teófilo Braga (1843-1924) foi um Presidente da República Portuguesa, nascido na ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores. Insigne político, convictamente republicano, Teófilo Braga foi também escritor e deixou-nos um enorme legado nas áreas da etnografia, da antropologia, do folclore e da literatura tradicional. Da sua vasta e eclética

obra destacamos *História da Poesia Popular Portuguesa* (1867) ou *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (1885).

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) foi um antropólogo e historiador brasileiro, nascido em Natal, no Brasil. Apesar de ter sido professor e advogado, Luís da Câmara Cascudo dedicou toda a sua vida ao estudo do folclore e da cultura brasileira. Dentre as suas obras mais emblemáticas destacamos *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1952) e *Contos Tradicionais do Brasil* (1946).

Para o presente estudo, para o caso da versão portuguesa de *Frei João sem Cuidados*, socorremo-nos da 5.^a edição, da obra *Contos Tradicionais do Povo Português*, publicada em 1999, na coleção *Portugal de Perto*, com a chancela das Publicações Dom Quixote (a 1.^a edição, nesta coleção, tinha sido publicada em 1987). Para a versão brasileira deste conto, utilizámos a 4.^a reimpressão (2010) da 2.^a edição (2006), da obra *Contos Tradicionais do Brasil para jovens*, publicada pela Global Editora; é no próprio texto introdutório, assinado pelos editores desta obra (2010: 11), que se afirma que os contos, presentes nesta coletânea para jovens, faziam parte da obra “*Contos tradicionais do Brasil* (...) de onde foram retirados os contos que integram este livro”.

A versão de *Frei João sem Cuidados* de Teófilo Braga foi recolhida em Coimbra, referindo-se em “Nota” que, já no século XIII, em Itália, se encontra uma versão escrita deste conto. Luís da Câmara Cascudo classifica a narrativa *Frei João sem Cuidados* como um conto de adivinhação, que ele próprio define como sendo contos onde “A vitória do herói depende da solução de uma adivinhação, de um enigma.” (Câmara Cascudo, 2010: 12). O conto *Frei João sem Cuidados* foi recolhido em Natal, no Rio Grande do Norte, Brasil, e foi contado por Francisco Cascudo.

Esta narrativa centra-se, na realidade, em três adivinhas, que têm de ser corretamente respondidas por um frade que vivia a sua vida sem grandes preocupações. Por ter esta postura perante a vida, este frade foi apelidado de “Frei João sem Cuidados”. Ora o Rei, sabendo desta descontração de Frei João, resolveu desafiá-lo com três enigmas. Muito aflito, porque não conseguia resolver estes enigmas, Frei João aceitou a ajuda de um moleiro/pastor (consoante as versões) que foi substituí-lo perante o Rei. O moleiro/pastor, vestido com o hábito de Frei João,

disfarçado de frade, acabou por responder corretamente às adivinhas colocadas pelo Rei.

Esta narrativa mostra-nos como a astúcia pode vencer o despotismo, como os mais fracos podem vencer os mais fortes. Na verdade, o Rei não teve dúvidas em incomodar um pacato súbdito, sem razão aparente, a não ser um capricho. Por outro lado, não é o Frei João que resolve os enigmas, mas sim o moleiro/pastor; de facto é a personagem aparentemente mais desfavorecida que acerta e resolve as adivinhas. Esta narrativa fala-nos ainda de solidariedade; perante do desespero do frade, o moleiro/pastor dispõe-se a ajudá-lo.

Muito embora a estrutura do conto seja idêntica na versão portuguesa e brasileira, existem ainda assim algumas diferenças ao nível de pormenor que nos propomos analisar.

Na versão de Teófilo Braga, Frei João é apresentado “como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo”(Braga, 1999: 204); na versão de Luís da Câmara Cascudo, Frei João é caracterizado de forma mais detalhada - “muito caridoso e simples e que não se envolvia com os negócios dos outros nem se preocupava com assuntos alheios. Como dava muitas esmolas, era estimado por toda a gente (...)”(Câmara Cascudo, 2010: 107). Na verdade, a versão brasileira é mais favorável à personagem, apresentando Frei João com os atributos que normalmente pensamos que deverão estar presentes na personalidade de um religioso – a caridade, a simplicidade, a discrição. Já na versão portuguesa, o frade é caracterizado como sendo despreocupado, descuidado, não se encaixando no perfil de um homem da igreja.

É este descaso de Frei João que, aparentemente, irrita o Rei, na versão lusa, que o manda chamar à sua presença; parece-nos que a irritação real seria profunda, dado que o monarca ameaça de morte Frei João, caso ele não consiga resolver os enigmas que o Rei lhe colocou, num prazo de três dias: “Vou dar-te uma adivinha, e se dentro em três dias me não souberes responder, mando-te matar.”(Braga, 1999: 204). Já na versão brasileira, um possível agastamento real não é tão evidente, embora também aqui o Rei mande chamar à sua presença Frei João, muito embora em momento algum o ameace de morte ou lhe dê algum prazo para apresentar as suas respostas aos enigmas que o monarca lhe coloca.

Apenas nesta versão se diz que foi um criado do Rei convocar o frade, numa alusão, parece-nos, ao poder real, aqui simbolizado pela sua criadagem; este poder é também evidenciado na versão portuguesa, mas de forma mais drástica e brutal – o Rei pode mandar matar um súbdito, neste caso Frei João.

Em ambas as versões, há duas adivinhas iguais: Quanto pesa a lua? Em que pensa o Rei? A terceira adivinha diverge: na versão portuguesa, o Rei pergunta – Quanto água tem o mar?; na versão brasileira – Onde é o meio do mundo?

Parece-nos que estes enigmas nos apontam, mais uma vez, para a afirmação do poder real, nomeadamente nestas sociedades tradicionais, onde o Rei é símbolo de governo absoluto. Este aspeto é visível nas duas versões, na adivinha “Em que pensa o Rei?”. Na verdade, será difícil para qualquer ser humano saber realmente em que é que o outro pensa. Da resolução deste enigma, dependia, na versão portuguesa, a vida de Frei João. Nada mais despótico, parece-nos!

Todavia, este poder e afirmação real são ainda mais evidentes na versão brasileira. Quando o Rei pergunta “Onde é o meio do mundo?”, o pastor apressa-se a retorquir “O meio do Mundo fica onde está meu rei senhor.”; a lisonja do pastor para com o monarca continua e quando o Rei lhe pergunta “Por quê?”, ele replica prontamente “O mundo sendo redondo, qualquer lugar é o meio!”. Portanto, fica claro que há nestas narrativas um evidente louvor ao poder real, que, apesar de tudo, como veremos, será ridicularizado no final das mesmas.

Frei João fica muito perturbado com esta inquirição real e vai ser ajudado por outra personagem que na versão portuguesa é o “seu moleiro” e na versão brasileira é “um pastor que trabalhava para ele”. Creio que podemos vislumbrar aqui a hierarquia das sociedades tradicionais: o Rei, o religioso e o camponês, personificado no moleiro/pastor. Estes últimos pertencem/trabalham para o frade, são seus subordinados, mas não é por isso que deixam de se mostrar solidários com Frei João, ajudando-o e resolvendo o seu problema.

É, então, neste sentido que afirmamos que o poder real é, no final destas narrativas, ridicularizado e, neste caso, pelos mais fracos. O Rei acaba por ser enganado e vencido pelo moleiro/pastor, que resolve todos

os enigmas que tinham sido colocados pelo monarca a Frei João. A atitude final do monarca também difere nas duas versões. Na versão portuguesa, “o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino”; parece-nos que a atuação do moleiro deixou o rei sem reação. Na versão brasileira, o monarca, que gostou do destemor do pastor, acabou por recompensá-lo e por deixar em paz Frei João. Aqui surge-nos um Rei capaz de reconhecer a inteligência, a astúcia e o valor do seu súbdito.

Como reflexão fica, parece-nos, a superioridade dos mais fracos (o moleiro/pastor; o povo) que apesar de estarem numa situação inferior na posição social, são eles que se evidenciam pelo seu discernimento e esperteza.

Contos tradicionais – releituras para crianças

Os contos tradicionais chegam, na sociedade atual, às crianças, sobretudo em reescritas que lhes são destinadas. No entender de Balça e Pires (2013), este é um movimento que tem ganho consistência ao longo dos últimos três séculos:

“(…) muitos dos textos que têm circulado, sobretudo em suporte oral, ao longo dos séculos, foram-se constituindo como textos preferencialmente para crianças, desde o século XVII, primeiro de forma pouco assumida mas gradualmente, ao longo dos três últimos séculos, com esse objetivo claramente definido.” (Balça e Pires, 2013: 13)

Neste texto, debruçamo-nos agora sobre duas reescritas para crianças deste conto. A primeira é um hipertexto assinado por Maria Teresa dos Santos Silva e ilustrado por José Miguel Ribeiro, *Frei João sem Cuidados*, publicado em 2005, pela Editora Ambar, na coleção Contos do Arco da Velha; a segunda, com o mesmo título, é da autoria de José Viale Moutinho, com ilustrações de Umbra, publicada pela Editora Campo das Letras, em 2005, e integrada na coleção Contos Tradicionais Portugueses.

De um modo geral, estes hipertextos seguem de perto o hipotexto de Teófilo Braga; as reescritas apresentam a mesma estrutura, o mesmo esquema narrativo, muito embora ofereçam outros pormenores complementares que se manifestam quer no texto quer nas ilustrações. Deste modo, vamo-nos debruçar sobre estes detalhes em particular.

Este pequeno e engenhoso conto será enriquecido, particularmente no seu hipertexto de Silva e Ribeiro (2005), pelas ilustrações. José Miguel Ribeiro, um premiado cineasta de animação, com obra também consistente na área da ilustração, dá vida, através das suas estimulantes aguarelas, a este conto e às suas personagens. Marcadas pelo traço vivo, rápido, ritmado do artista, estas ilustrações evidenciam as inconfundíveis e características formas geométricas de José Miguel Ribeiro.

O breve hipertexto escrito é assim elucidado e alargado por estas belíssimas ilustrações que remetem para um mundo ancestral, sentido em consonância com o próprio conto tradicional, onde o tempo é normalmente indeterminado, embora percecionado pelo leitor como um tempo passado.

Quer o espaço relacionado com o rei quer o espaço relacionado com o Frei João e o moleiro ampliam o hipertexto escrito. Este espaço é pressentido pelos leitores como pertencendo a um mundo rural, cenário presente normalmente nos contos tradicionais. Assim, o rei vive num castelo, protegido pelos seus guardas que marcam presença logo na página de rosto mas também, de modo mais subtil, nas lanças discretamente apontadas quer a Frei João quer ao moleiro quando estes se encontram perante o monarca. O ambiente da corte, marcado pelo boato, pelo rumor, pelo “diz que disse” – “Um rei ouviu falar de certo frade/que vivia sem ter quaisquer cuidados.” - é soberbamente apresentado na ilustração que, colocando as personagens na penumbra, na sombra, nos remete de imediato para os bastidores do poder. O mundo de Frei João e do moleiro surge-nos ilustrado através da paisagem campestre, rústica onde marca presença um moinho.

As ilustrações dão-nos a conhecer ainda as personagens, incipientemente caracterizadas no hipotexto. O monarca surge com as suas vestes e atributos reais, manto vermelho, debruado a arminho, coroa na cabeça, sentado no seu trono; a postura e o olhar denotam o poder e a astúcia. Expressivas são também as ilustrações de Frei João e do moleiro corroborando o texto escrito nos seus diferentes estados de espírito.

Se os pormenores, na reescrita de Silva e Ribeiro (2005), se situam ao nível das ilustrações, na versão de Moutinho e Umbra (2005), os detalhes marcam presença ao nível do texto escrito.

Nesta última reescrita mencionada, o texto começa com duas perguntas de retórica, lançadas logo ao pequeno leitor: “Já ouviram falar de Frei João Sem Cuidados? Ah, não?”. Com estas perguntas de retórica pretende-se estabelecer, parece-nos, de forma rápida e fácil, a comunicação com o pequeno leitor, estimulando a sua curiosidade em relação ao texto, permitindo-lhe fazer inferências e cativando-o para a audição/leitura do mesmo.

As personagens, na reescrita de Moutinho e Umbra (2005), para além de Frei João, apresentam nomes próprios: Rei Salústio e Xico Moleiro. De novo, estamos perante uma estratégia de proximidade entre o texto e as crianças leitoras. Os nomes próprios destas personagens aproximam e possibilitam uma maior projeção e identificação entre as crianças e as personagens.

O poder real evidencia-se igualmente nesta versão, pois o Rei manda “três guardas ao mosteiro” chamar Frei João; o frade tem apenas cerca de um dia para responder acertadamente aos enigmas colocados pelo monarca; caso não responda, Frei João será açoitado “pelos guardas mais brutos que houver neste palácio!”. Este desvio do hipotexto de Teófilo Braga pode dever-se a uma tentativa de suavizar a sentença real: em vez da morte certa, na versão em apreço, caso não acerte as adivinhas, Frei João é apenas açoitado, um castigo, ainda que violento, menos brutal e mais aceitável para as crianças leitoras.

Interessante também é a relação existente, nesta versão, entre Frei João e Xico Moleiro. Nesta reescrita, o moleiro é compadre de Frei João, ou seja, é um seu amigo chegado, íntimo. Muito embora, em todas as versões consideradas, o moleiro demonstre a sua amizade por Frei João, ele não é colocado no mesmo patamar em termos de relação; nesta versão de Moutinho e Umbra (2005), a relação existente entre os dois homens é reforçada, aos olhos do leitor, por esta designação “compadre”.

Tal como na versão de Teófilo Braga, também aqui o Rei coloca as mesmas três adivinhas a Frei João; as respostas de Xico Moleiro são também similares e denunciam a inteligência, a lábia e a ousadia do mesmo, em particular, a réplica à questão “quanta água tem o mar?”, em que o moleiro desafia claramente o Rei a testar a veracidade da sua resposta “Sei. Mas, se Vossa Majestade não acredita, é só mandar tapar os

rios todos que dão para o mar e pôr alguém a medir. Depois veremos se tenho ou não tenho razão...”.

Por fim, detemo-nos na reação do Rei, após Xico Moleiro ter cumprido a tarefa, que tinha sido ordenada a Frei João. Nesta reescrita, que a aproxima da versão deste conto de Câmara Cascudo, o monarca encarou com agrado a forma como foi enganado, recompensando Frei João e Xico Moleiro com “uma saca de dinheiro”.

As ilustrações de Umbra colocam em evidência as personagens Rei e Frei João, elucidando e, por vezes, alargando os dados sobre elas presentes no texto escrito. O Rei Salústio é apresentado com cabelo, bigode e barba branca, coroa e manto real de arminho, revelando-nos um velho rei, ao contrário da versão de Silva e Ribeiro (2005), cujas ilustrações nos mostram um Rei bem mais jovem. Frei João surge em praticamente todas as ilustrações com um ar preocupado, nada remetendo para a sua característica de “sem cuidados”, dando-se apenas relevo às aflições em que o Rei colocou o frade. De um modo geral, estas ilustrações, em tons pastel, recriam o ambiente rural, distintivo das sociedades tradicionais.

Considerações finais

Neste texto procurámos refletir sobre manifestações do imaginário, enquanto parte integrante de uma civilização e de uma cultura, nos contos tradicionais. Para este efeito socorremo-nos de várias versões do mesmo conto, *Frei João sem Cuidados*, recolhidas quer em Portugal quer no Brasil bem como de reescritas desta narrativa para crianças.

A presença deste conto, em pontos tão díspares e tão longínquos do globo, apresentando o conto a mesma estrutura, leva-nos a pensar na disseminação da língua portuguesa pelo mundo e, com ela, da cultura e do imaginário que lhe está subjacente, representados ainda hoje pela nossa diáspora. Por outro lado, esta viagem dos contos de um continente a outro é explicada por Italo Calvino (2010b), que afirma que o folclorista pode demonstrar “que o mesmo esquema narrativo se encontra mais ou menos idêntico num país afastadíssimo e numa situação histórico-social absolutamente diferente.” (Calvino, 2010b: 97), sendo que “o conto

maravilhoso e mágico (...) não admite ser situado no tempo e no espaço.”(Calvino, 2010b: 97).

Cultura e imaginário manifestam-se e são veiculados para as crianças, neste caso em particular, através das reescritas deste conto para os mais novos. Para além desta imersão das crianças no universo que se constitui como o seu mundo de pertença, estas narrativas tradicionais possibilitam a sua identificação com uma matriz civilizacional, uma cultura, um povo, uma nação.

Frei João sem Cuidados é um conto de adivinhação, em que os mais fracos vencem os mais fortes, em que a petulância do Rei é vencida pela sagacidade e pela coragem do moleiro/pastor. Para as crianças é de grande importância este tipo de contos, uma vez que, de uma forma lúdica, lhes mostra como os mais fracos, com os quais ela se identifica, podem vencer e inverter a sua situação perante os mais fortes. Segundo Bettelheim (1987), os contos de fadas, onde os fracos triunfam, proporcionam à criança a esperança e o sentimento de que é possível ser bem-sucedido na vida, respondendo ao problema existencial que é a questão de encarar a vida com confiança, enfrentando e resolvendo as dificuldades.

Este é também o poder e a capacidade de atração destas narrativas para os mais novos que, apesar de serem intemporais, permanecem vivas entre os seus povos.

Referências

- BALÇA, A. & PIRES, M. N. (2013). *Literatura infantil e juvenil. Formação de leitores*. Carnaxide: Santillana.
- BETTELHEIM, B. (1987). *Psicanálise dos contos de fadas*. Livraria Bertrand.
- BRAGA, T. (1999). *Frei João sem Cuidados*. In T. Braga. *Contos Tradicionais do Povo Português* (pp. 204). Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CALVINO, I. (2010a) Os contos populares africanos. In I. Calvino. *Sobre os contos de fadas* (pp. 7-13). Lisboa: Teorema.
- CALVINO, I. (2010b) A tradição popular nos contos de fadas. In I. Calvino. *Sobre os contos de fadas* (pp. 97-112). Lisboa: Teorema.
- CÂMARA CASCUDO, L. (2010). *Contos Tradicionais do Brasil para Jovens*. 2.^a ed. 4.^a reimpressão. São Paulo: Global Editora.

- CÂMARA CASCUDO, L. (2010). *Frei João sem Cuidados*. In L. Câmara Cascudo. *Contos Tradicionais do Brasil para Jovens* (pp. 107). 2.^a ed. 4.^a reimpressão. São Paulo: Global Editora.
- CRISTÓVÃO, F. (2003). Os três círculos da lusofonia. [Em linha] [Consultado em 25.06.2015] Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/categorias/lusofonias/os-tres-circulos-da-lusofonia/102>
- LOURENÇO, E. (2007). Da língua como pátria. In C. Reis (Org.) *Conferência Internacional sobre o Ensino do Português. Actas* (pp. 45-50). Lisboa: Ministério da Educação.
- MOUTINHO, J. V. & UMBRA (2005). *Frei João sem Cuidados*. Porto: Campo das Letras.
- SALES, M. L. L. (2014) *A presença das narrativas tradicionais no imaginário dos jovens em idade escolar*. Manuscrito não publicado, Universidade de Évora, Évora.
- SILVA, M. T. S. S. & RIBEIRO, J. M. (2005). *Frei João sem Cuidados*. Porto: Ambar.
- STEINER, G. (2007). *O silêncio dos livros seguido de Esse vício ainda impune*. Lisboa: Gradiva.